

OS CONTOS DE FADAS COMO INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

PAIVA, Míriam Firmino da Silva.
Universidade Estadual do Rio Grande Do Norte – UERN/CAMEAM

RESUMO: O presente artigo discorre sobre o papel dos Contos de Fadas no processo da formação leitora na educação Infantil. Utilizando-se de uma pesquisa teórica, o referido estudo reflete sobre a formação de leitor através desse gênero literário. No primeiro momento, expõe-se a fundamentação teórica sobre a importância da leitura de Contos de Fadas em sala de aula, tendo em vista alimentar a imaginação e criatividade das crianças. No processo, o estudo demonstra como os contos infantis podem contribuir para o desenvolvimento da leitura e competência leitora na Educação Infantil. Nesse percurso, busca-se refletir positivamente na formação desse pequeno leitor, pois, como sabemos, são nestes momentos que a mente da criança se abre para a imaginação e conseqüentemente os convidam para o mundo da leitura de forma prazerosa e significativa. Para alcançar esses objetivos, no que concerne a realização deste trabalho buscou-se respaldo teórico e metodológico em autores consagrados como NOVAES (1987) e ABRAMOVICH (1993) com suas pertinentes reflexões para o desenvolvimento de uma prática leitora renovada e criativa que seduz a criança ao universo dos livros e da leitura.

Palavras- chaves: oralidade, contos, prática.

THE FAIRY TALES AS A TOOL FOR THE FORMATION OF READERS IN EARLY KINDERGARTEN.

ABSTRACT:

This article discusses the role of Fairy Tales in the process of reader training in Early Childhood Education. Using a theoretical research, the study reflects about the reader formation through this literary genre. First, it exposes the theoretical reasoning about the importance of fairy tales reading in the classroom in order to feed the children's imagination and creativity. In the process, the study demonstrates how fairy tales might contribute to the development of reading and its competence in kindergarten. So, it's possible to reflect positively on the formation of this little reader, because as we know, the child's mind opens itself to the imagination at this time and consequently it invites the children to the world of reading in a pleasurable and meaningful way. To achieve the aims of this reaserch, it was based on a theoretical and methodological support of notorious authors like Novaes (1987) and ABRAMOVICH (1993) through their important considerations to develop a renewed and creative reading practice that entices the child to the universe of books and reading.

Keywords: speaking, fairy tales, practice.

OS CONTOS DE FADAS COMO INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

INTRODUÇÃO

O artigo em tela aborda o papel dos Contos de Fadas no desenvolvimento das competências leitoras das crianças. É fato que vivemos em um período muito crítico

com relação ao hábito da leitura. Essa realidade na sala de aula tem sido o grande desafio para os docentes nos dias atuais. Nesse sentido, é importante que se disponibilize espaços de leitura na Educação Infantil que promovam a imaginação e a criatividade das crianças.

Acredita-se que mundo do conto maravilhoso ou do conto de fadas deve ser diariamente resgatado no âmbito da educação infantil, pois, a criança que ouve esse tipo de narrativa consegue manter o sentimento de fantasia e aventura vivos por muito mais tempo em seu subconsciente como ainda nos mostra Paz (1993, p 120):

Aventurar-se no “outro mundo”, penetrar em castelos guardados por monstros ou por demônios, descer aos infernos, buscar a chave da imortalidade, triunfar sobre o caos são momentos alegóricos da passagem iniciática nos quais o herói, representa a alma perdida na terra a lutar contra poderes inferiores de sua própria natureza e do mundo que o rodeia (...). Essa batalha espiritual sempre se desenrola com a presença ativa de aliados e antagonistas. Aparecem então os “auxiliares mágicos” – fadas, duendes, animais “favoráveis” – e, do mesmo modo, aqueles que obstruem e se opõem a essa batalha: ogros, monstros, fadas malignas.

É diante desse ambiente lúdico que o estudo em tela visa mostrar a importância da leitura (contação) de contos de fadas para crianças ainda no processo de alfabetização, pois para garantir a formação de leitores de forma significativa, as ações que visem a esse objetivo não de se estabelecer numa base motriz: iniciar logo cedo as práticas leitoras. A formação do leitor crítico deve ser constituída ainda nos anos iniciais de sua vida escolar, além, é claro de contribuir para a formação da memória literária de indivíduo. Para tanto, os principais referenciais teóricos para fundamentar esta pesquisa a pesquisa bibliográfica são: AGUIAR (1990), ABRAMOVICH (1993), BETTELHEIM (1980), PIAGET (2003), GUTFREIND (2004), LAPLANCHE (2001), NELLY NOVAES (1987), CÂNDIDO (1980), SOUSA, FRANÇA e BARRETO (2010), FREIRE (1996), COELHO (1980) e ALVES (2004) que proporcionará um conhecimento maior sobre o tema proposto.

2. A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA DE CONTOS FADAS NOS ANOS INICIAIS

A temática dos Contos de Fadas, além de seduzir a atenção das crianças, quando bem trabalhado pode revelar, também, a natureza educativa e formativa. Os textos através de narrativas mágicas e maravilhosas podem levar às crianças a despertar sobre os valores morais e religiosos contidos nesse gênero textual. E em meio a esse universo, o docente pode planejar várias atividades que envolvam a leitura. Na concepção de Bettelheim (1985):

Os contos de fada têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir por si só. Ainda mais importante: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETELHEIM, 1985, p. 16).

Para tanto, abordam-se temas como: religião, coragem, obediência, medo, valentia, vingança, perdão, amor materno, amor paterno, amor ao próximo, saudade, tristeza, alegria, gratidão, orgulho, castigo, carinho, curiosidade, fraternidade, bondade, morte, bons hábitos, caridade, gula, humildade, inocência, ira, amizade, honestidade, estudo, cuidados com os animais e com a natureza. Nessa perspectiva, de acordo com Piaget (2003), as crianças adquirem valores morais não só por internalizá-los ou observá-los de fora, mas por construí-los interiormente através da interação com o meio em que se está inserido. Nesta fase, ouvir histórias (principalmente os contos), entre outras atividades, é possibilidade real de desenvolvimento e aprendizagem.

Assim, é importante salientar que a arte de contar histórias é um importante instrumento no processo educativo, pois possibilita ao educador a criação de estratégias lúdicas que podem contribuir para uma maior aprendizagem das crianças. Na prática, a contação de contos sempre foi um dos elementos de maior destaque na literatura destinada às crianças, pois é através do prazer ou das emoções que as histórias lhes proporcionam e o simbolismo que está implícito nas tramas e personagens, muitas vezes, ajudam as crianças a resolver os conflitos interiores.

É interessante observar que o conteúdo latente de uma obra literária é a fantasia, o que lhe garante um alcance geral. A fantasia pode ser considerada o organizador inconsciente da leitura de contos, conforme Laplanche (2001, p.169): “A fantasia é um roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente.”

Esse tipo de narrativa leva a criança a pensar, a verbalizar, através da habilidade de contar, de contar-se e perguntar. Gutfreind (2004) fala dessa característica do conto, apontando-o como importante instrumento na clínica, servindo de mediador que irá substituir a agitação da criança por perguntas, reflexões e pensamento (junto ao sentimento).

As histórias clássicas viraram letras e livros, e assim penetraram na vida das pessoas, recontando-as. E por mais visual e virtual que seja o mundo em que nos encontramos, hoje, as histórias continuam fascinando adultos e crianças. É assim com o conto, conforme Novaes (1987, p. 46) sinaliza:

Os contos de fadas têm a problemática voltada para a luta do seu Eu, uma realização do seu interior, que está inteiramente ligada a sua vida. Sua trama se desenvolve na trama da magia feérica com presenças de fadas, reis, rainhas e bruxas, gigantes, objetos mágicos, a exemplo: A Bela Adormecida e Rapunzel.

E nesse sentido é que a Literatura infantil e, principalmente, os contos podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas e feias, poderosas ou fracas, facilita a criança à compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia se transmite através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação de sua consciência ética. O que as crianças encontram nos contos são categorias de valor que são perenes. O que muda é apenas o conteúdo rotulado de “bom” ou “mau”, “certo” ou “errado”. Conforme entende Abramovich (1993, p.16):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Diante do exposto, pode-se refletir que a contação de histórias é uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura e que todo professor tem dentro de si um contador de histórias, apenas precisa encontrá-lo e aprimorá-lo. Contar histórias é o elo que liga o ouvinte a outras histórias e, em consequência, ao universo da leitura que pode torná-lo um leitor proficiente e também um agente multiplicador em seu espaço educativo e social.

No entanto, para que essa realidade se concretize, pais e professores precisam criar situações das quais as crianças ouçam muitas histórias, proporcionando por meio da oralidade o primeiro contato com o texto, porque ouvir também é uma forma de ler. A contação ou leitura das obras é uma condição essencial para os professores de educação infantil trabalhar a leitura vinculada ao lúdico com seus educandos.

2.1 OS DESAFIOS DO DOCENTE NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA DE CONTOS DE FADAS EM SALA DE AULA

Durante os primeiros anos de vida da criança, são construídos e desenvolvidos maneiras particulares de ser e esquemas de relações com o mundo e com as pessoas. Elas vão construindo suas matrizes de relações a partir de sua interação com o meio: o seu comportamento emocional, individualização do próprio corpo, formação da consciência de si, são processos paralelos e complementares do

desenvolvimento da criança (em seus primeiros anos) e é nesta fase que prevalecem os critérios afetivos sobre os lógicos e objetivos. O ato da fala é inerente ao ser humano, mas o da leitura precisa ser mediado, seja no meio familiar, social, seja no educacional. É nessa fase de aprendizagem que reside o grande desafio do professor: Como desenvolver o processo da leitura nos alunos de forma prazerosa e eficiente? O uso dos contos de fadas podem ser um dos instrumentos que leve a esse aprendizado. Nesse sentido, é pertinente salientar que os contos de fadas giram em torno de uma problemática referente à realização interior do indivíduo, basicamente por intermédio do amor. Daí se explica suas aventuras terem como motivo central o encontro, a união do cavaleiro com a amada (princesa ou plebeia), após vencer grandes obstáculos proporcionados pela maldade de alguém. Todavia, não basta somente ler para que a criança seja seduzida por esse tipo de texto, é importante criar estratégias para que isso ocorra:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 1980, p. 13).

Diante da estrutura dos contos também conseguem deixar fluir o imaginário e levar a criança a ter curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos. Foi uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivem e atravessam, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história. Essa é a importância dos contos, mas o que venha a ser um conto de fadas? AGUIAR (1990, p. 64) afirma que:

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filhos), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitir à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo.

Segundo Cândido (1980), concebendo-se a literatura como uma expressão genuína da arte e do fazer artístico e identitário, a mesma pode também ser concebida como uma forma de mimetizar o mundo e os conflitos socioafetivos a ele inerentes,

sendo capaz de estabelecer com o grupo receptor forte identificação, visto que reproduz as relações humanas em suas múltiplas faces, ainda que só sob uma estrutura de realismo-fantástico literário. Nessa perspectiva pode ainda ser delineada e utilizada como forma de fantasiamento e eufemização do mundo lógico e real, atribuindo-lhe cunho fantástico e encantado, fora da realidade ortodoxa.

Nesse contexto temos nos contos de fadas os expoentes literários ideais para abordagem no ensino infantil visto que são os mais eficientes para estabelecer um elo afetivo entre texto e receptor de baixa classificação etária, havendo intrínsecos aos seus enredos e sua estética narrativa um apelo que é capaz de envolver o educando pela fantasia e irrealidade bem como - simultânea e progressivamente - imbuí-lo subjetiva e cognitivamente de novos conceitos, impressões, valores, sentimentos, percepções e, sobretudo, consciência e estímulos artístico-literárias, como expõem SOUSA, FRANÇA e BARRETO (2010, p. 02):

Seja como forma de conscientização sociopolítico-cultural, como um modo de fantasiar a realidade ou como maneira de provocar a “catarse” de sentimentos, a literatura se mostra como um dos mais qualitativos, bem estruturados e atrativos meios de propagação da arte e do suprimento de demandas psicoemocionais, político-socioculturais e cognitivas da população em geral, principalmente se introduzida e incentivada desde a infância.

Sob essa perspectiva há a percepção de que no desenvolver dos contos de fadas, as crianças se utilizam deles para conseguir lidar com problemas reais, enfrentando-os com a coragem de um adulto e com a inocência de uma criança. Plenos de significados, com estrutura simples, histórias claras e personagens bem definidos em suas características pessoais, os contos de fadas atingem a mente das crianças, entreando-as e estimulando sua imaginação, como nenhum outro tipo de literatura talvez seja capaz de fazer, assim contribui para a formação e até para a transformação da personalidade desses pequenos leitores/ouvintes, pois a atenção dos educandos foi algo de muita importância e um dos principais pontos de grande relevância para o desenvolvimento dos alunos.

Apesar de todas as dificuldades e desafios envolvidos no tipo de trabalho a que me propus realizar, considero que os resultados aqui apresentados podem modestamente contribuir para a compreensão de um importante capítulo da história da literatura infantil no Brasil e dos problemas enfrentados pelos que se interessam em desenvolver pesquisas nesse campo de conhecimento assim como pode auxiliar na atuação de professores da educação infantil e do ensino fundamental, oferecendo-lhes

oportunidades de conhecer novas maneiras para ler, ensinar a ler e abordar textos de literatura infantil na escola.

Entre as várias metodologias e estratégias de abordagem do texto literário com crianças e que podem ser postas em prática de modo viável e objetivo no contexto pedagógico do cotidiano em sala de aula, destaco quatro descritas por SOUSA, FRANÇA e BARRETO (2010, p. 03-04):

- **Contação:** caracteriza-se pela narração do texto por um dos ministrantes das oficinas literárias de acordo com as palavras de quem o está contando, sem compromisso com as construções linguísticas contidos no texto original, transpondo o texto de uma maneira facilmente compreensível pelos receptores, adequando a obra, por mais complexa que seja, a uma idade desejada. Portadora de uma característica forte de poder incorporar e transpor para o educando uma mensagem prática e simples, e conseqüentemente mais real.

- **Antecipação:** consiste em antecipar fatos posteriores do texto em que há algum desfecho que está para ser resolvido, sem dar detalhes, provocando assim no leitor o desejo de descobrir como sucedeu o processo que desencadeou naquela ação literária; desenvolvido a partir de perguntas, destacando os extremos, despertando dúvidas e movendo o mundo cognitivo dos ouvintes, detalhando a partir de várias perguntas envolvendo o enredo do texto e suas locomoções actanciais, prévias e posteriores.

- **Problematização:** trata-se de um método que visa suscitar no leitor o interesse pela literatura através do levantamento de questões relativas às possíveis temáticas trazidas pelo texto, relacionando com as vivências, experiências próprias ou do cotidiano social real, instigando dessa forma o educando a refletir criticamente sobre os temas ao mesmo tempo em que o entretém e o incentiva a ler o escrito. Esse método possibilita a abordagem de temas sociais como: Preconceito, Meio Ambiente, entre outros.

- **Leitura dramatizada:** consiste na leitura do texto de forma dramática, devendo a pessoa que lê o texto programado "interpretar" oralmente o escrito lido. Desenvolvido a partir de performances.

Mediante a aplicação coordenada, profícua e contextualizada dessas estratégias torna-se possível a aproximação imediata e a interação entre texto e educando, fazendo-o estabelecer conexões entre ele e seu cotidiano e ainda conferir ressignificação à partir da sua leitura de mundo, como expõe Freire (1996) ao enfatizar a importância de uma abordagem educacional onde sejam considerados e discutidos os saberes intrínsecos aos educandos, em especial os das classes populares, bem como fomenta a reflexão acerca da relação entre tais saberes com o ensino dos conteúdos.

A integração texto-aluno se efetiva pragmaticamente a partir do momento em que o aluno percebe que o texto se comunica de alguma forma com ele, com seus valores e sua percepção da realidade. Após consolidada essa relação inicial há de se estimular a apreciação estética e emocional do texto para só então identificar junto aos

educandos suas correspondências com os conteúdos mais formais, tais como: estrutura textual, gramática e inferências éticas e sociológicas mais objetivas.

Do contrário haverá sempre resistência e muito frequentemente rejeição acentuada a abordagem do texto literário – na escola ou no cotidiano pessoal - haja visto que o “didatismo” explícito e sem uma condensação mediada pedagogicamente afasta o estímulo subjetivo e o prazer do ato de ler, uma vez que este passa de um prática prazerosa - que entretém e provoca êxtase, emoção e reflexão – para algo mecânico burocrático e moralista. Na prática de ensino, para trabalhar o texto literário, sobretudo em se tratando de crianças e dos contos de fados, torna-se essencial a presença do lúdico e da transversalidade na abordagem pedagógica, objetivando despertar a atenção e o encantamento subjetivo e posteriormente a apreensão de conceitos curriculares da disciplina. Nessa perspectiva, estratégias dinâmicas e interacionistas, como as citadas por SOUSA, FRANÇA e BARRETO (2010, p.04):

[...] auxiliam na formação de leitores críticos e profícuos que se utilizam da literatura de forma consistente e regular, configurando-se assim a abrangência cognitiva, podendo ter contato com novos conhecimentos, novas ciências e novas informações que podem ser fator decisivo no desenvolvimento deles enquanto seres humanos e cidadãos. Podem, nesse contexto, vir a se transformar em agentes de reforma e transformação do ambiente em que vivem, coexistindo todos esses aspectos do processo de leitura com o prazer e o entretenimento ocasionado na prática literária, suscitada e estimulada em sala de aula.

Todo esse processo se efetiva mediante a coordenação de ações que visem uma metodologia alternativa e dinâmica para trabalhar os textos no âmbito da educação infantil, visto ser o gênero literário o fator mais decisivo na constituição cognitiva e subjetiva das crianças e jovens, como discorre COELHO (1980, p.04):

Portanto, é ainda o livro *a palavra escrita*, que estamos atribuindo a maior responsabilidade na formação da consciência-de-mundo das crianças e jovens. Apesar de todos os prognósticos pessimistas e até apocalípticos, acerca do futuro do livro, ou melhor, da literatura, nessa nossa era da imagem e da comunicação instantânea, a verdade é que a palavra literária escrita está mais viva do que nunca. E parece já fora de dúvidas que *nenhuma forma de ler o mundo dos homens* é tão eficaz e rica quanto a que ela permite. (Grifos da autora).

Subjacente a esses aspectos está o impacto e a recepção da literatura, e dos contos de fada em especial nas significações, cognição, comunicação e identidade de crianças e jovens, que contribui decisivamente para construção da subjetividade e das posturas e convicções do ser humano adulto e independente, que precisa lidar com as demandas éticas, políticas, econômicas e existências do mundo moderno. Quando

estimulados proficientemente desde cedo ao ato e o prazer de ler, na literatura, encontram eco para seus dilemas, dramas, paixões, percepções e dialogismo internos, uma vazão para transbordar os sentimentos, emoções, desejos e prospecções. Uma catarse subjetiva que concomitante instrui, sublima, entretém e conscientiza. Esta foi uma grande aprendizagem com a utilização do conto no decorrer da experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim o que foi visto neste artigo podemos verificar o quanto as práticas devem ser agrupamentos de habilidades por parte do educador para um bom desenvolvimento de uma leitura de um conto o professor deve estar preparado para como aquele conto ele se dirige, bem como as colocações dos educandos, pois é deles que devem ser atraídas as maiores e melhores atribuições do conto. Como bem coloca ALVES (2004, p.23):

Tudo começa quando as crianças ficam fascinadas com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê e a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave do mundo das delícias que moram no livro. Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem a mediação da pessoa que está a ler. Num primeiro momento as delícias do texto encontram-se na fala do professor. Usando uma definição de Melanie Klein, o professor, no ato de ler para os seus alunos, é o “seio bom”, o mediador que liga o aluno ao prazer do texto.

Nesse conteúdo, encontrando também convergências com os métodos e estratégias de suscitação e abordagem da leitura aqui apresentados e diante da crise da leitura, faz-se necessário rever e questionar as nossas práticas, encontrando espaços para o sonho e a imaginação: é preciso voltar a ser criança e viajar nas asas da imaginação. Resgatar a tradição de contar histórias mais uma vez é uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura. Ela nos leva a conhecer os infinitos mundos dentro e fora de nós e abre espaço para o pensamento mágico.

Percebemos no decorrer do trabalho como é pequeno o interesse pelo desejo de leitura isso deve ocorrer pela própria cultura familiar se os pais das crianças não leem conseqüentemente elas não vão ler, embora em muitas famílias onde não tenha pais leitores as crianças se instruem através da escola o seu próprio senso crítico para a aprendizagem, e observamos também que embora em algumas famílias leitoras com crianças que não possuem ânimos algum para o gosto e o prazer pela leitura.

REFERÊNCIAS

1. ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1993.
2. AGUIAR, Vera Teixeira de. Era uma vez (contos de Grimm). Porto Alegre, Kuarup. 1990.
3. ANZIEU, D. *et al.* *Psicanálise e Linguagem: do corpo a fala*. Tradução Monique Aron Chiarella & Luiza Maria F. Rodrigues. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997.
4. BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 3ª. edição, 1980.
5. PIAGET, Jean e BARBEL, Inhelder. A Psicologia da criança. Tradução de Octavio Mendes Cajado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
6. GUTFREIND, Celso. Contos e desenvolvimento psíquico. Revista Viver Mente & Cérebro. Ano XIII, n. 142, nov 2004.
7. LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise. Tradução Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes. 2001. (4ª edição).
8. NOVAES, Nelly. O conto de fadas. São Paulo, Ática, Séries Princípios, 1987.
9. FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
10. CÂNDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
11. SOUSA, Vivianne; FRANÇA, Sandro Alves; BARRETO, Herson. A Abordagem Literária no Instituto Bérardêro: técnicas e estratégias que dinamizaram o processo. III ENLIJE, ISSN 2177-6911, 2010.
12. COELHO, Nelly Novaes *et al.* Literatura Infantil, abertura para a formação de uma nova mentalidade. In: Literatura Infanto-Juvenil. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.
13. ALVES, Rubem. O Prazer da Leitura. In: A Arte do Voo ou a Busca da Alegria de Aprender. Porto: Edições Asa, 2004.